

CONCOURS GÉNÉRAL DES LYCÉES

SESSION DE 2013

COMPOSITION EN LANGUE PORTUGAISE

(Classes terminales ES, L et S)

Durée : 5 heures

Texte : *O desenhador de pássaros**L'usage du dictionnaire est interdit***Travail à faire par le candidat**

I. ÉTUDE DU TEXTE

1. Baseando-se no relato de Francisco Dias, apresente e comente os métodos do ensino português por volta de 1930.
2. Estude a personalidade e a mentalidade de Francisco Dias através das suas opiniões sobre a escola e os seus filhos e da sua atitude em relação à neta.
3. Apresente e comente a inovação pedagógica do professor de Walter e a reação que os seus métodos provocaram em São Sebastião.
4. Explique e comente a seguinte frase do texto : « Que esse professor haveria de desaparecer do ensino, haveria de morrer cedo, sem nada para fazer, cercado por olhos de todos os lados, ... » (linhas 41 a 43).

II. ESSAI

“Francisco Dias remontava à escola, o local onde em seu entender a vida de um homem não só se delineava como em abreviado a predizia.” (linhas 7 a 9)

Acha que a escola tem o poder de determinar ou predizer a vida futura das crianças ou dos jovens em geral? Apresente a sua opinião numa composição cuidada e ilustrada com exemplos.

III. TRADUCTION

Passes para o francês o trecho de « Sim, ao contrário... » (linha 24) até ao fim « ...na pessoa de Walter » (linha 43).

Tournez la page S.V.P.

TEXTE

O DESENHADOR DE PÁSSAROS

Francisco Dias também falava de Walter.

Era-lhe bastante claro que havia uma nuvem escura sobre a cabeça do filho mais novo. Dizia-o para quem quisesse ouvir, nos tempos livres de domingo, antes de dormir, nunca falando diretamente só para a sobrinha de Walter, até porque ele nunca falava com essa neta. Mas também não a privava de conhecer a diferença que tinha existido entre Walter e os outros filhos, se acaso ela quisesse ouvir, se é que ela ouvia. Andava por ali entre os demais como se fosse surda, e para ele tanto lhe fazia que ouvisse ou não. Francisco Dias remontava à escola, o local onde em seu entender a vida dum homem não só se delineava como em abreviado a predizia. Ele explicava.

Todos os outros seus filhos tinham sido ensinados por homens enérgicos, pessoas duras, resistentes, irrepreensíveis, pessoas que mantinham os rapazes quietos, distribuíam pancada com determinação, não sorriam, impunham a ordem, procurando fazer de cada criança um obediente, para que se obtivesse um bom trabalhador. A própria escola de São Sebastião tinha quatro janelas que davam para a rua. A cada uma delas era raro não haver uma criança com uma máscara de asno, com orelhas de ourelo¹ e uma fila de dentes exposta. Mas através do focinho amplamente rasgado da máscara identificava-se o rosto de cada criança. São Sebastião inteira ficava a saber quais as crianças punidas. As máscaras deixavam de ser máscaras, passavam a ser elas mesmas. A vergonha das crianças. E a vergonha, na criação da obediência, era um sentimento imprescindível em todos os tempos, principalmente nos diligentes anos trinta. Todos seus filhos, incluindo Adelina Dias, tinham saído dessa disciplina de rigor, formadora e punitiva, como deveria ser. – « Menos Walter » – dizia Francisco Dias, e às vezes nem conseguia dormir na sua cadeira de mogno, os pés enfiados numas alpergatas, as botas de cardas postas ao lado. Não conseguia, por causa do filho mais novo. A sobrinha de Walter via.

Sim, ao contrário dos outros, o mais novo estava destinado a ser instruído por um incompetente recém-chegado, um homem pequeno, de cara completamente lisa, que fazia lume sobre a secretária, queimava papel, cabeças de fósforos, álcool e algodão-em-rama dentro de frascos. Que volta e meia levava as crianças até aos montes cinzentos de São Sebastião, mandava observar a natureza, mandava espiar os animais. Mandava-as medir o desvio do Sol com metros de pedreiro, obrigava-as a irem de noite à escola para explicar os eclipses, levava-os a registar coisas tão inúteis como a posição das patas das éguas quando corriam e quando marchavam. Não lhes ensinava nada. Ele mesmo construía canudos especiais pelos quais fazia as crianças olharem as aves, contra a necessidade das próprias crianças que era saber, sobre os pássaros, quais os úteis e os inúteis, os que davam bons exemplos aos homens com os seus hábitos, e escrever isso em boa caligrafia. Mas esse transviado trazia para a sala de aula pássaros vivos e pássaros mortos, abria-lhes as asas, mostrava a diferença das penas, as articulações das patas no poiso e no voo. E assim, Walter viria a desenhar animais em movimento, principalmente pássaros. Dizia Francisco Dias para quem quisesse ouvir. Ela ouvia.

Não podia deixar de ouvir. Ela ficou a saber que esse homem acabara por ser empurrado de São Sebastião mediante um abaixo-assinado, em que muitos haviam escrito em vez do nome uma dedada de polegar. Que numa noite de dezembro de trinta e cinco, tinham vindo buscar o professor de cara lisa. Que esse professor haveria de desaparecer do ensino, haveria de morrer

¹ o ourelo : tipo de pano grosso

cedo, sem nada para fazer, cercado por olhos de todos os lados, mas entretanto, já havia deixado estragos inapagáveis por onde tinha passado. Eles estavam à vista, na pessoa de Walter.

Lídia Jorge, *O Vale da Paixão* Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2001.

